

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E O FIM DE UMA COLÔNIA ANARQUISTA

Newton Stadler de Souza

Em 1892 os meios políticos do País estavam agitados. As incompreensões dos grupos dirigentes, insensíveis às reivindicações do povo, fermentavam os arraiais partidários.

A sociedade, mal sedimentada, com formações humanas em esboço, no caldeamento étnico, não permitia posições ideológicas definidas. Os partidos, à falta de filosofia pragmática e doutrinária, eram manifestações de atos e vontades de seus chefes, ora identificados com o latifúndio, ora com o incipiente e ainda nebuloso liberalismo.

Os ideais republicanos, complementados distorsivamente na prática, criavam insatisfações regionais, que, trabalhadas, de lado a lado, pelas correntes políticas, possibilitavam arregimentações eleitorais, preâmbulos de arregimentações de juntas revolucionárias, logo depois estimuladas. Entretanto, como os partidos, essas arregimentações vinham precedidas de vícios e de coações de variada ordem, a ilegitimar todo o organismo eleitoral.

Vespeiros incandescentes, os partidos e seus chefes não deixavam pessoa alguma em paz. Infiltravam-se pelas cidades, pelos campos, marcavam os homens pelos amigos que tinham, pelas visitas que recebiam. Ora, políticos conscientes sobre o regime dominante no Brasil, os colonos do núcleo Cecília não encontravam, nos programas e doutrinas capengas das agremiações, receptividades capazes de os atrair. Quase com frieza viam a agitação revolucionária crescer. Não encontravam de ambos os lados motivações conseqüentes para se perfilharem. Todavia, recebiam as sanções do neutralismo, em época que não aceitava neutralidade.

A definição dos anarquistas, na revolução, veio com episódio apolítico, que, pelos reflexos que provocou na Colônia, merece referência. Emílio Sigwalt, chefe de oposição ao legalismo, aconselhado por amigos de que se encontrava ameaçado de prisão, fugiu de Curitiba, demandando o interior, onde se ligava a núcleos coloniais franceses e italianos.

Portando-se cavalheirescamente, o visitante político foi bem recebido na Colônia Cecília, mormente por Giovanni Rossi, anteriormente alistado eleitor na Câmara Municipal de Palmeira, sob número de ordem 231, para dar salvo-conduto aos integrantes do núcleo anarquista. Sigwalt

demorou-se um dia todo entre os colonos. Viu o moinho de fubá de Egicio Cini, conversou com colonos, observou a predisposição dos mesmos contra o regime da propriedade dominante, açulou-os tanto quanto podia e disse-lhes que em Curitiba os ítalo-brasileiros eram antiflorianistas. Prosseguiu viagem.

Quando as tropas legalistas, no encalço de Sigwalt, chegaram ao núcleo, já não o encontraram. Querendo por qualquer forma notícia do foragido, tiveram o silêncio dos anarquistas. Como represália, a soldadesca inutilizou o moinho de fubá, jogou nas águas do riacho das Pedras o milho encontrado, requisitou mediante vales que nada representavam para os colonos toda a alimária encontrada. Instrumentos de trabalho, sementes, mudas, tudo foi arrebatado discricionariamente, jogando-se o material dilapidado nas águas de um tanque de Cini, tendo este sido preso e encaminhado para a Lapa, onde durante quarenta dias ficou sob custódia, enquanto sua mulher e filho foram alojados em casa de amigos, em Palmeira (depoimento de Hugo Cini em 8-12-66).

Os anarquistas, então, tomaram posição. Com sua comunidade destruída, com seus instrumentos de trabalho quebrados, com o desânimo a marcar a fisionomia de cada colono, alistaram-se contra os legalistas os que não tinham qualquer destino profissional pela frente. Mudaram-se, arrancaram restos de madeira, árvores frutíferas já plantadas, os que viam trabalho em municípios próximos.

Os que se alistaram para lutar, fizeram-no pela rebeldia à atitude das tropas governistas. Nenhuma identidade ideológica com o movimento revolucionário em curso. A maioria acompanhou o major-fiscal Ferdinando Perracine, que, integrado ao Batalhão Ítalo-Brasileiro formado em Curitiba pelo Dr. Colombo Leoni, fora investido no posto de "coronel". Concentrar-se-iam na Serrinha, nas proximidades da Colônia Cecília. Irritados como se encontravam, não acederam aos pronunciamentos do Agente Consular da Itália, Sr. G. Silva, que em manifesto *alla colonia italiana* reprovava o engajamento italiano com estas palavras: "Esorto i miei connazionali a mantenersi alieni da ogni partecipazione ai movimenti politici del paese, e astenersi da ogni ato che possa significare adesione a qualsiasi partito".

Com o engajamento de anarquistas no Batalhão Ítalo-Brasileiro, a Colônia Cecília desorganizou-se socialmente. Poucos os que podiam dar conta dos trabalhos, assoberbados com a destruição de instrumentos agrícolas e com pilhagens de cereais e requisição de animais. Os soldados que voltavam ao núcleo não permaneciam mais que poucas horas. A ausência dos amigos, a paisagem diferente do povoado, as casas vazias, desencorajavam radicações. Demais, o espocar de tiros na vizinhança, nas escaramuças da Serrinha, preocupava mais do que qualquer cogitação de trabalho. O ano de 1893 estava findando. A revolução aproximava-se do desfecho.

(...)

Então, de repente, a revolução acabou. Março de 1894: os jovens anarquistas que tinham participado de alguns entevos e marchas revolucionárias retornaram à Colônia. Sentiram a mudança. Colônia Cecília era arremedo do que fora. Pouca gente. As casas desertas. Os que ficaram, querendo partir. Ninguém na estrada.

O companheirismo de farda despertara nos jovens italianos a chama da vivência cidadina. Integraram-se a brasileiros. Tomaram gosto por certos hábitos, propagados e vividos na caserna. Os oferecimentos de emprego ocorreram. A realidade chocante de seu núcleo predispunha-os à decisão: debandada.

A debandada em massa dos que ainda ali permaneciam. Bientezzi e Mansani, Fecci e Minardi, Bruno Celli, que já estava num ir e vir de Curitiba, Umberto Verona, que se fixara em Palmeira, homens e mulheres, crianças de poucos meses, Domingos Garzino, a lembrança dos nomes nos escapa, mesmo aos descendentes que mais se identificaram com o núcleo colonial.

Os Agottani e os Mezzadri permaneceram. Sua vida privada ligava-se à terra, as raízes telúricas de sua formação sedimentaram no chão da Colônia um misto de coisas itálicas, assimiladas à geografia brasileira.

Rossi e família estavam descompromissados. Poderiam partir. O terreno que lhe fora doado, Giovanni Rossi deixou-o, com recomendações para que fosse ocupado por quaisquer colonos que resolvessem retornar. Encaminhou-se à casa de Miguel Schwartz, agradecendo-lhe pelos serviços prestados aos anarquistas. Cochenski teve lágrimas nos olhos, à despedida. André e Romilda Agottani foram obsequiosos no adeus. Disseram que Rossi podia seguir descansado, que o casal atenderia qualquer colono que voltasse (de fato, pelos anos futuros, os Agottani foram hospedeiros atenciosos aos que voltaram para ver o primeiro agasalho, no Brasil).

Para levar algo que representasse significação ao esforço que fizera, Rossi tomou enxada, destacou o cabo e guardou a ferramenta entre seus pertences. Muitos anos depois, na estação agrônômica de Rio dos Cedros, em Santa Catarina, exibiria orgulhoso a enxada, nas recordações de suas experiências, relatadas em conversas informais ao seu amigo Emmembergo Pellizzetti que as guardou em diário de memórias.

Com sua saída da Colônia fechou-se o ciclo colonizador anárquico. Colônia Cecília desaparecia. Seus integrantes passavam a desempenhar outro papel, o que seria mais importante na vida social paranaense.

Rossi, em viagem, em Taquari, com seus problemas, também teve seu destino ligado à amplitude das conceituações libertárias do Rio

Grande do Sul, de Santa Catarina e significou, para quantos trabalharam no Paraná, o doutrinador anarquista, responsável pela formação política de vários italianos que viveram intensamente as lutas sociais do fim do século passado e do começo deste.

(Newton Stadler de Souza, **O Anarquismo da Colônia Cecília**, págs. 130/132 e 138/139. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. Coleção "Retratos do Brasil", vol. 76).

*

*

*